

# fisga

“QUEM SABE TUDO É PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO”



## A nova geração à rasca?

EM MÉDIA, EM PORTUGAL SAI-SE DE CASA DOS PAIS AOS 29 ANOS, MAS PERMANECER NO NINHO NEM SEMPRE É OPÇÃO. O ADIAMENTO DA AUTONOMIZAÇÃO DOS JOVENS NO SUL E LESTE DA EUROPA EVIDENCIA A CRISE FINANCEIRA E DE HABITAÇÃO, DA QUAL A GERAÇÃO Z É A PRINCIPAL VÍTIMA

TEXTO INÊS LOUREIRO PINTO INFOGRAFIA SOFIA MIGUEL ROSA ILUSTRAÇÃO CRISTIANO SALGADO

No mais recente relatório do projeto “Um Índice de Justiça Intergeracional para Portugal”, do Institute of Public Policy (IPP), apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, evidencia-se um “retrocesso estrutural na equidade entre gerações”. No relatório de novembro de 2025, intitulado “Que Futuro Deixamos às Próximas Gerações?”, os autores divulgaram o índice relativo a 2023: 0,43, face aos 0,50 registados em 2021. O projeto pioneiro, coordenado por Paulo Trigo Pereira, presidente da direção do IPP, pretende avaliar de forma multidimensional o

impacto das grandes transições económicas e sociais do presente nas gerações mais novas e nas futuras. Desde o início da medição, em 2016, o valor mais recente é o terceiro mais baixo registado, acima de 2017 (0,42) e 2016 (0,40). Entre as seis dimensões analisadas (ambiente e recursos naturais, saúde, mercado de trabalho, habitação, finanças públicas, pobreza e condições de vida), a saúde e a habitação são os elementos explicativos do agravamento do índice. O indicador da habitação foi o que registou maior descida ao longo dos anos, de 0,43 em 2016 (o máximo foi de 0,46,

em 2019) para 0,23 em 2023. “Todas as gerações têm os seus desafios, mas o que está a acontecer com as gerações jovens, nomeadamente com a Geração Z [nascidos entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000], é algo novo”, aponta Romana Xerez, uma das investigadoras do projeto designada à área da habitação. Os autores apontam a crise financeira de 2008 e a intervenção da *troika* como precursores dos desafios enfrentados hoje pelos jovens, aprofundados pela “financeirização da habitação e o crescimento do turismo”. Os dois

subindicadores mais relevantes para a má cotação da habitação no índice de 2023 foram a autonomia (proporção crescente de jovens que permanecem a viver com os pais) e a acessibilidade (relação preço da habitação - rendimento). Devido à redução das taxas de natalidade e ao aumento da esperança média de vida, os jovens ocupam menor relevância demográfica — em 2024, segundo a Pordata, havia em Portugal 192 idosos por 100 jovens. As gerações recentes são as mais qualificadas de sempre, contudo, um em cada cinco jovens está no desemprego

e seis em cada dez dos que estão empregados têm vínculos de trabalho precários. Paralelamente, o panorama económico europeu é de instabilidade. Em 2023, segundo o Eurostat, o preço das casas quase duplicou (mais 48%) e as rendas subiram em 22% na UE. Em média, em 2024, uma pessoa jovem na UE saiu de casa dos pais aos 26,2 anos, resultado que congrega uma grande amplitude entre os países do Norte face aos do Sul e Leste europeu: na Dinamarca, Suécia e Finlândia, os jovens “abandonam o ninho”, em média, aos 21 anos, enquanto a idade mais comum em países como Espanha, Itália, Grécia, Eslováquia e Croácia está entre os 30 e os 31 anos. Em Portugal, desde 2000, a idade média de saída de casa dos pais esteve quase na casa dos 28 anos, tendo atingido, em 2023, o máximo de 33,3, segundo o Eurostat. Em 2024, a idade média foi de 28,9 anos, colocando Portugal no oitavo lugar a nível da UE.

Há um fator cultural a considerar na natureza da supervisão parental entre as famílias do Norte e do Sul da Europa; os nórdicos incentivam a saída de casa dos filhos mais cedo, enquanto as famílias do Sul tendem para o contrário. Contudo, segundo Romana Xerez, este fator é “menos relevante” perante as diferenças nas condições do mercado da habitação e do trabalho entre as regiões. Segundo a investigadora e professora no Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP) do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSPP), o que distingue as situações é o apoio público dado aos jovens na fase de acesso à habitação própria, nomeadamente na oferta pública, que é “forte e robusta” no Norte. “Nos países do Sul temos uma habitação social com stock reduzidíssimo e que se destina mais às pessoas mais vulneráveis. É indiscutível que precisamos de aumentar a habitação pública”, nota a investigadora.

O projeto “Housing4Z: Habitação, Bem-Estar e Desigualdades no Sul da Europa”, coordenado por Romana Xerez, avaliou a situação do acesso à habitação em Portugal, Espanha, Itália e Grécia pela perspetiva da Geração Z, sendo um estudo exploratório focado na geração adulta mais jovem. Entre as 20 políticas de habitação para jovens aplicadas pelos quatro países entre 2018 e 2024 (oit

CRISE DA HABITAÇÃO ADIA INDEPENDÊNCIA DOS JOVENS

Idade estimada de saída de casa dos pais e taxa de sobrecarga das despesas em habitação, em percentagem, 2024

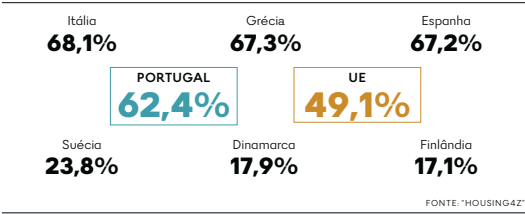
IDADE DE SAÍDA DE CASA DOS PAIS (ANOS)		SOBRECARGA		
1	Croácia	31,3	3,7%	
2	Eslováquia	30,9	6,4%	
3	Grécia	30,7	28,9%	
4	Itália	30,1	5,1%	
5	Espanha	30	7,8%	
6	Malta	29	5,8%	
7	Eslovénia	28,9	3,8%	
8	Portugal	28,9	6,9%	
9	Bulgária	28,2	8%	
10	Roménia	27,3	4,7%	
11	Chipre	27,2	2,4%	
12	Hungria	27,1	9%	
13	Luxemburgo	26,9	8%	
14	Irlanda	26,8	4,5%	
15	Polónia	26,7	5,2%	
16	Letónia	26,6	6,7%	
17	Bélgica	26,2	6,7%	
18	UE 27	MÉDIA	26,2	8,2%
19	Chéquia	25,8	9,2%	
20	Áustria	25,3	6,3%	
21	Alemanha	23,9	12%	
22	Lituânia	23,6	6,2%	
23	França	23,5	7%	
24	Países Baixos	23,2	6,9%	
25	Estónia	22,4	8,6%	
26	Suécia	21,9	10,6%	
27	Dinamarca	21,7	14,6%	
28	Finlândia	21,4	5,4%	

FONTE: EUROSTAT

FONTE: EUROSTAT

MILLENNIAL É A GERAÇÃO DOMINANTE A VIVER EM CASA DOS PAIS

Percentagem de jovens dos 18 aos 34 anos, 2024



FONTE: "HOUSING4Z"

das quais em Portugal), Portugal mostra um investimento no acesso à habitação “um pouco mais forte” em relação aos outros três países, distinguindo-se pelo apoio especializado aos universitários através do Plano Nacional do Alojamento para o Ensino Superior. Romana Xerez destaca ainda as medidas recentes em torno da compra da primeira casa para jovens até aos 35 anos, considerando, no entanto, que estas “ficam muito aquém daquilo que é necessário para fazer face às dificuldades no acesso à habitação pelos jovens”.

Segundo o “Housing4Z”, 62,40% dos jovens em Portugal entre os 18 e os 34 anos viviam em casa dos pais em 2024 (em 2004, eram 55,2%), o valor mais baixo em relação aos outros três países analisados, mas muito acima dos países nórdicos e da média europeia. É a Millennial (nascidos entre o início da década de 1980 e o final da década de 1990) a geração dominante a viver em casa dos pais. De acordo com os investigadores, os adultos da geração anterior à Z — que têm agora entre os 30 e os 45 anos — já enfrentaram dificuldades acrescidas no acesso à aquisição de

habitação face às gerações que os antecederam, especialmente os Baby Boomers (nascidos entre meados das décadas de 1940 e de 1960). “Esta desvantagem evidencia a existência de um novo risco: desigualdade intergeracional de habitação”, diz o relatório. “A habitação própria foi uma das grandes transformações das últimas décadas do século XX, foi um motor de bem-estar e, nas sociedades do Sul da Europa, Portugal é o palco dessa grande mudança”, observa Romana Xerez. Com a dificuldade em obter habitação própria devido aos desafios do mercado, a geração Millennial passou a ser mais arrendatária do que proprietária. “Falava-se até da geração arrendamento, mas depois começou-se a perceber que isso era uma espécie de ratoeira. O que acontecia era que os jovens não tinham outra forma”, explica a investigadora do ISCSPP. Isto resulta numa “mudança extraordinária em termos sociais da passagem de património” entre pais e filhos, o que coloca a geração Z e as vindouras num novo paradigma de insegurança habitacional.

Parte do projeto “Housing4Z” centrou-se na auscultação de jovens da Geração Z e dos impactos da permanência em casa dos pais. Enquanto alguns jovens destacam o aumento de oportunidades decorrente da permanência em casa dos pais (permitindo o alongamento do seu percurso formativo, por exemplo), outros denunciam a infantilização, a redução de privacidade e a degradação dos laços emocionais com os pais. Adiar o processo de individuação do jovem adulto significa, de acordo com Romana Xerez, o adiamento ou mesmo a anulação da constituição de família, o que implica “um impacto muito grande na demografia e na economia”, além da pressão acrescida do adiamento da obtenção de habitação sobre a pensão de velhice. Face à impossibilidade da compra, coloca-se ainda em causa a estabilidade no arrendamento, fator que influencia muitos jovens a migrar. Entre as recomendações para o reforço da justiça intergeracional, os investigadores destacam o investimento na oferta de habitação pública, a promoção da participação jovem no debate público e o estabelecimento de consensos e compromissos políticos duradouros que ultrapassem ciclos legislativos. ●